



LEIAM MULHERES

Desde que a humanidade começou a contar histórias, a voz da mulher tem sido entoada basicamente pelos homens. Mesmo antes da escrita, o que nos chegou da tradição oral não deixa dúvidas sobre a autoria das personagens femininas.

Traidoras (Eva), ardilosas (Pandora), obscenas (Lilith): esses são alguns atributos das primeiras protagonistas da mitologia ocidental. Na narrativa atribuída a Homero, não existem heroínas: Penélope é boa, mas só porque passou a vida tecendo um interminável bordado, à espera do marido, Odisseu; esse sim um herói (que a traiu, por sinal, com a deusa Calipso).

Com exceções, são raríssimas as escritoras antes do século 19. Até quando se escreveu para as poucas alfabetizadas, eram das mãos masculinas que saíam histórias adocicadas, “moralmente edificantes”, muitas vezes de cunho religioso. Até 1970, somente 20% da produção editorial global era de autoras mulheres.

Eis que, em 2023, pela primeira vez, o jogo virou. Escritoras ultrapassaram os colegas homens não só na publicação, mas na venda de livros, em todo o mundo. Ainda assim, no acumulado histórico, há uma enorme lacuna de gênero na literatura.

Um levantamento do site especializado norte-americano BookRiot mostra que, das 200 obras de ficção mais populares desde 1800, 70,4% são de autores do sexo masculino. A

mesma pesquisa constatou que livros escritos por homens e com protagonista deste gênero venderam, no período, 10 milhões de cópias a mais, comparado às obras femininas, em que a personagem principal é uma mulher.

Perdem tanto os que deixam de ler a voz das mulheres! Na polifônica literatura feminina, há uma riqueza de enredos, personagens e estilos narrativos que nos fazem pensar em quanto se

perdeu ao separar por tantos milênios as mulheres das letras.

Como leitora voraz que, cada vez mais, tem devorado obras de autoras femininas, deixo algumas sugestões para quem está planejando a listinha de 2025.

Boa leitura!

Oração para desaparecer — Da elegante pena da brasileira Socorro Acioly sai uma metáfora sobre a construção da identidade, com toques de realismo fantástico na medida. Companhia das Letras.

Pedra, papel e tesoura — Um suspense policial que nem aqueles que adivinham tudo no meio da história deixarão de se surpreender no fim. Da britânica Alice Feeney. Darkside.

As primas — Nesse estranhíssimo romance da argentina Aurora Venturini, a desumanidade crua acompanha a protagonista, uma jovem pintora com comprometimento cognitivo. Fósforo Editora.

A biblioteca dos sonhos secretos — Os livros conectam diferentes pessoas nessa ficção de cura da japonesa Michiko Aoyama. Não se engane pela doçura da narrativa: não há nada de simplório nesta obra. Editora Sextante.

O mau hábito — Inspirado na experiência da autora espanhola Alana Portero, uma mulher trans que cresceu na Madrid dos anos 1980 e 1990, com muitas referências culturais dessas décadas. Amarcord.

